

PROCESSOS CRIATIVOS INDUZIDOS POR ENOC: RELATO DE PESQUISA

Dr. Matheus Moura Silva¹

Resumo: Este artigo é um relato da pesquisa de doutorado defendida em 2018. Nela, busco compreender a relação entre histórias em quadrinhos e Arte Visionária. No Brasil, apesar de pouco conhecidos, há autores de quadrinhos renomados internacionalmente que são claramente visionários, como é o caso de Sergio Macedo e Alain Voss. Na pesquisa, foram analisados trabalhos de Moebius, Jim Woodring, Rick Veitch, Sergio Macedo e Xalberto, além de minha própria produção anterior à pesquisa. Como referencial usei, principalmente, bibliografias ligadas aos processos criativos, antropologia (xamanismo), psicologia (ENOC) para demarcar o terreno teórico trafegado. A investigação se deu na linha de pesquisa de Poéticas Visuais e Processos de Criação, assim, ela se estende também para a prática artística, ou seja, fazer quadrinhos. Criei colaborativamente histórias que estão no escopo da Arte Visionária, tendo como método de indução de ENOC o chá ritualístico Ayahuasca, sonhos lúcidos e a técnica chamada Respiração Holotrófica. A abordagem metodológica foi a pesquisa baseada em arte combinada com autoetnografia. Enquanto resultado poético, foram desenvolvidas 16 histórias em quadrinhos. Os processos criativos de cada uma delas foi discutido na tese, buscando traçar paralelos entre o visto, sentido e retratado, com os processos cognitivos e estados psicológicos típicos dos ENOC. Como resultado, compreendo que os Estados Não Ordinários de Consciência, em especial os destacados para esta pesquisa, não promovem o aumento da criatividade no indivíduo criador. No entanto, auxiliam e influenciam nas temáticas dos artistas, o que, por vezes, pode ser confundido com aumento da criatividade. Podendo ser mais bem compreendido como uma escolha em ‘perseguir um tema específico’. No artigo aqui apresentado, após as considerações finais, foi acrescentada uma versão inédita de uma história visionária, resultado da pesquisa. A motivação para inclusão da história é dar um exemplo visual do tipo de trabalho abordado na tese e no artigo.

Palavras-chave: Ayahuasca; histórias em quadrinhos; estados não ordinários de consciência; sonhos lúcidos.

1 Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEE-MG. Roteirista e fanzineiro, doutor e mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV-FAV/UFG) com pesquisas sobre processos criativos de quadrinhos poéticos e visionários, é também bacharel em jornalismo (Unitri) e licenciado em Artes Visuais (UFG). Entre 2008 e 2019, editou a revista Caminho di Rato e a Revista A3 Quadrinhos (2010). É autor das graphic novels O.R.L.A.: Liberdade aos Animais (2014), A Maldição de LaFey (2017) e dos álbuns Cartografias do Inconsciente (2018) e Matéria Escura (2018) e da biografia Walmir Amaral – O cowboy dos quadrinhos. Como jornalista colaborou com diversas revistas educacionais das áreas de português, geografia, história e, principalmente, filosofia. Há alguns anos se dedica a lecionar Artes Visuais para o Ensino Fundamental I, II e Médio, tendo como foco pesquisar quadrinhos e educação. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0461830182283000>. <https://orcid.org/0000-0001-9729-4073>. saruom@gmail.com

CREATIVE PROCESSES INDUCED BY NOEC: RESEARCH REPORT

Abstract: This article is an account of the doctoral research I defended in 2018. In it, I seek to understand the relationship between comic books and Visionary Art. In Brazil, although little known, there are internationally renowned comic book authors who are clearly visionaries, such as Sergio Macedo and Alain Voss. The research analyzed works by Moebius, Jim Woodring, Rick Veitch, Sergio Macedo, and Xalberto, in addition to my own production prior to the research. As a reference, I used mainly bibliographies related to creative processes, anthropology (shamanism), and psychology (ENOC) to demarcate the theoretical terrain covered. The research was carried out in the line of research of Visual Poetics and Creative Processes; thus, it also extends to artistic practice, that is, making comics. I collaboratively created stories that fall within the scope of Visionary Art, using the ritualistic Ayahuasca tea, lucid dreams and the technique called Holotropic Breathwork as ENOC induction methods. The methodological approach was art-based research combined with autoethnography. As a poetic result, 16 comic strips were developed. The creative processes of each of them were discussed in the thesis, seeking to draw parallels between what was seen, felt and portrayed, with the cognitive processes and psychological states typical of ENOC. As a result, I understand that Non-Ordinary States of Consciousness, especially those highlighted for this research, do not promote increased creativity in the creative individual. However, they assist and influence the artists' themes, which can sometimes be confused with increased creativity. It can be better understood as a choice to 'pursue a specific theme'. In the article presented here, after the final considerations, an unpublished version of a visionary story was added, resulting from the research. The motivation for including the story is to provide a visual example of the type of work discussed in the thesis and article.

Keywords: Ayahuasca; comic books; non-ordinary states of consciousness; lucid dreams

PROCESOS CREATIVOS INDUCIDOS POR LA ENOC: INFORME DE INVESTIGACIÓN

Resumen: Este artículo es un informe sobre la investigación doctoral defendida en 2018. En él busco comprender la relación entre el cómic y el arte visionario. En Brasil, a pesar de ser poco conocidos, hay autores de cómics de renombre internacional y claramente visionarios, como Sergio Macedo y Alain Voss. En la investigación se analizaron obras de Moebius, Jim Woodring, Rick Veitch, Sergio Macedo y Xalberto, además de mi propia producción previa a la investigación. Como referencia, utilicé principalmente bibliografías vinculadas a procesos creativos, antropología (chamanismo), psicología (ENOC) para delimitar el terreno teórico abordado. La investigación se desarrolló en la línea de investigación de Poéticas Visuales y Procesos de Creación, por lo que se extiende también a la práctica artística, es decir, la realización de cómics. Creé colaborativamente historias que están dentro del alcance del Arte Visionario, utilizando el té ritual de Ayahuasca, sueños lúcidos y la técnica llamada Respiración Holotrópica como método de inducción de ENOC. El enfoque metodológico fue la investigación basada en el arte combinada con la autoetnografía. Como resultado poético, se desarrollaron 16 cómics. En la tesis se discutieron los procesos creativos de cada uno de ellos, buscando establecer paralelismos entre lo visto, sentido y retratado, con los procesos cognitivos y estados psicológicos propios de ENOC. Como resultado, entiendo que los Estados No Ordinarios de Conciencia, especialmente aquellos destacados para esta investigación, no promueven una mayor creatividad en el individuo creativo. Sin embargo, ayudan e influyen en los temas de los artistas, que a veces pueden confundirse con una mayor creatividad. Puede entenderse mejor como una opción de

“seguir un tema específico”. En el artículo que aquí se presenta, luego de las consideraciones finales, se agregó una versión inédita de un relato visionario, resultado de la investigación. La motivación para incluir la historia es proporcionar un ejemplo visual del tipo de trabajo cubierto en la tesis y el artículo.

Palabras Clave: Ayahuasca; libros de historietas; estados de conciencia no ordinarios; sueños lúcidos

Repertório e ambiente ou set and setting

A pesquisa desenvolvida na tese, *Cartografias do Inconsciente em Quadrinhos*, defendida em 2018, é uma sequência natural da dissertação (Silva, 2013). Nela dediquei-me a investigar os processos criativos dos quadrinhos poético-filosóficos. Uma das considerações às quais cheguei foi: a necessidade de se expressar é a base da criação dos quadrinhos poético-filosóficos. Neles os artistas passam a criar com liberdade total. Inovam em técnica, estilo, suporte e o que mais der. Em meio a isso são inundados por ondas de influências culturais e estados físicos mentais. Os resultados de tais quadrinhos geralmente são diferenciados do que tradicionalmente é visto no mercado das grandes editoras. Exigem dos leitores um compromisso maior de leitura para se deixarem levar pela narrativa – as vezes são necessárias várias leituras para se extrair algum sentido das HQs.

Por outro lado, existem obras que também possuem conteúdo diferenciado e nem por isso seriam poético-filosóficas. Parte delas, observei, estariam relacionadas com a representação de Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC, e poderiam ser aproximadas do que é entendido como Arte Visionária. O autor do Primeiro Manifesto da Arte Visionária, Laurence Caruana (2013), já havia apontado alguns quadrinistas como exemplos de artistas visionários – apesar de não se aprofundar. Foi, então, que pensei na relação entre o autor de quadrinho poético-filosófico – que cria como forma de autoexpressão e com a liberdade total que isso envolve, aliada a influência cultural – com a do autor visionário –, o qual visa representar uma visão, e não necessariamente a autoexpressão. O sentido empregado por mim para “autoexpressão” é a necessidade dos autores em criarem com base no ímpeto criativo, como uma forma de expressão de si no mundo. Diferentemente dos artistas visionários que, apesar de expressarem imagens internas, buscam retratar imagens obtidas por ENOC, os quais geralmente possuem um arcabouço específico de sentido (extático) e de imagens – que muitas das vezes carregam significados atrelados a experiência vivenciada. Assim, se o autor poético-filosófico busca dar vida às próprias reflexões e sentimentos (Silva, 2013), o autor visionário pretende trazer à luz imagens dos recônditos da mente. Apesar do aparente contraste, na prática, ambos os tipos de trabalho se misturam em abordagens.

A diferença principal é no modo como a narrativa surge. Por ser uma obra visionária, impreterivelmente, há de se ter uma visão para ser retratada, seja em pintura, escultura ou em HQs. Mesmo nos quadrinhos poético-filosóficos alguns autores buscam modificar estados mentais (Silva, 2013) por meio da música, por exemplo, para entrarem em um clima mais propício para criar. Porém, nestes casos, não há exatamente visões, propriamente ditas, como as encontradas durante os ENOC. Enquanto autor de quadrinhos poéticos e visionários, pude perceber as nuances envolvidas no ato criativo de ambos os gêneros de HQs. Ao menos para mim, na criação de uma história poético-filosófico tenho a necessidade de buscar expressar o que sinto no momento – seja numa reflexão ou constatação de algo, geralmente ligado à relação do indivíduo com a coletividade ou vice-versa. Já para os quadrinhos visionários a intenção é outra: passa por buscar representar ao máximo uma parte (ou a totalidade) da experiência sentida em momento anterior (por vezes dias ou meses) à criação.

Detalhes os quais geraram um problema principal motivador para a pesquisa: 1) como se dá o processo criativo dos quadrinhos visionários? A partir dele surgiram outras questões relacionadas, as

quais formam a base da problematização da tese. São elas: 2) O que diferencia os quadrinhos visionários dos realizados de modo ordinário? 3) Há mesmo diferença? 4) Há diferença entre o ímpeto criador do que é feito de modo ordinário em contraposição ao visionário? 5) Como dizer o indizível, dentro da experiência visionária, ao ponto de traduzir o vivenciado, visto e sentido para o leitor? É possível levar os leitores a sentirem parte da experiência visionária por meio dos quadrinhos?

A busca pelas respostas, além de ser o resultado das análises realizadas nas obras de outros autores, serviu ainda como contraponto para o meu próprio processo criativo em HQs visionárias – este que é o cerne da pesquisa. Em outras palavras, ao compreender o processo de outros autores, ou ao menos entrar em harmonia com eles, passo a conhecer e a perceber o meu próprio processo de criação. Nas considerações finais pretendo responder às questões da problematização.

Para a construção teórica e analítica, parti do princípio de complexidade de Edgar Morin (2011). Na concepção do pensador, toda pesquisa complexa se dá pelo caráter interdisciplinar, uma vez que são necessárias teorias, formas de pensar e interpretar o mundo com múltiplos olhares a cerca de um tema comum ou mesmo convergente para se abranger de fato as possibilidades ali implícitas. Dessa forma, me valho de campos do saber como antropologia/arqueologia, arte, comunicação, psicologia e, mesmo que brevemente, de neurociência e psiquiatria. A antropologia/arqueologia se faz necessária por ser a base teórica usada para refletir sobre a relação homem-imagem-criatividade-ENOC. Vem dela os principais estudos sobre Ayahuasca, por exemplo, e estados ampliados de consciência, cultura e imagem. No campo da arte me apoio principalmente nas questões relativas à história da Arte Visionária e suas características. Traço ainda aproximações e/ou distanciamentos entre percepções cânones da história da arte e o sentido de imagem usado por mim. A abordagem comunicacional é utilizada nas análises da linguagem dos quadrinhos, construção de sentidos e narrativa. São os critérios traçados por alguns autores desse campo do saber que norteiam as interpretações. Psicologia, neurociência e psiquiatria, cada uma a seu modo, complementam o entendimento a cerca da mente humana, seja de maneira subjetiva ou fisiológica, ao se analisar sonhos ou outros tipos de estados diferenciados de consciência. A psicologia, em particular, é base ainda dos conceitos de criatividade usados na tese. É mediante dela que compreendo o ato e o processo criativo em si.

Enquanto hipótese de pesquisa, acredito que os ENOC possibilitam o acesso do criador a um mundo novo, repleto de vida e inacessível no estado mental ordinário. É um campo comum a todos que se dispõem a adentrá-lo. Estariam, então, os artistas visionários, seja nos quadrinhos ou não, em busca de representarem uma outra realidade, intangível, imaterial, por meio de suas próprias empreitadas em tal universo. Dessa forma, creio ser possível dizer que a Arte Visionária possui o intuito de delinear um aspecto oculto da vivência universal de cada um. Seria esta uma espécie de cartografia do inconsciente, ou mesmo espírito mental. Os quadrinhos, enquanto linguagem, acabariam por ser um modo privilegiado para a representação visionária ao aliarem desenhos com narrativa. A pintura, por exemplo, geralmente parte de uma imagem por obra, o que a limita a retratar a experiência em uma imagem². No caso dos quadrinhos haveria uma sequência imagética narrativa com possibilidades de explorar vários momentos diferentes da experiência.

Para o objetivo, a tese possui como norteador a criação de diversas HQs influenciadas por ENOC (Ayahuasca, Respiração Holotrófica e Sonhos Lúcidos) – produzidas por mim em parceria com desenhistas convidados (Décio Ramírez, Vinicius Posteraro, Guilherme Silveira, Angelo Ron, Laudo e Edgar Franco). O resultado, inspirado nos processos de criação dos autores delimitados na pesquisa (Moebius, Jim Woodring, Rick Veitch, Sergio Macedo, Xalberto e Laudo), está publicado num livro próprio e original, chamado *Cartografias do Inconsciente*. Todas as HQs foram feitas tendo em vista as investigações de processos criativos que se baseiam em ENOC, de modo a deixá-las o mais próximo possível dentro do considerado como Arte Visionária. Assim, acredito poder compreender e

² Salvo exceções como dípticos, trípticos e quadriptico. Autores visionários como Pablo Amaringo, por exemplo, se utilizam de narrativas para compor as cenas das pinturas, as quais geralmente são feitas em grandes telas.

suscitar o lugar desse tipo de trabalho no panorama contemporâneo das histórias em quadrinhos brasileiras. Nos objetivos específicos busco entender e caracterizar a poética visual inerente às HQs visionárias. Procuro compreender as relações entre a busca de visões do xamã com a produção artística, em especial os quadrinhos. Mapear a produção de quadrinhos visionários produzida, principalmente, no Brasil. E complementar as referências teóricas e interpretações sobre esse tipo de quadrinho sendo um possível ponto de partida para estudos a respeito dessa forma de arte, a contribuir para novas pesquisas sobre o tema.

Faz pouco mais de 20 anos que os estudos sobre ENOC deixaram de ser tabu. Até mesmo por isso, são escassas as bibliografias que se dedicam especificamente ao assunto fora do âmbito da antropologia, psicologia e neurociência. Nas Artes são raras as investigações que têm os ENOC como parte do processo criativo. Ao olhar estritamente para os quadrinhos, não existem bibliografias a respeito – ao menos no Brasil. Ou seja, o próprio caráter exploratório da pesquisa, que visa investigar algo inédito, por si só justifica a investigação, justamente por apontar novos caminhos para apreciação de algumas obras e autores de HQs. A carência de bibliografia exclusiva, que abordasse o tema de maneira satisfatória, também justifica a metodologia escolhida e a extensão da pesquisa.

Método

A metodologia empregada na pesquisa parte, como mencionado antes, do conceito de complexidade de Morin (2011) o qual, de certa forma, coaduna com a perspectiva metodológica da bricolagem. Resumidamente, bricolagem nada mais é do que um jeito prático de se realizar a complexidade como explicada por Morin (2011). Ou seja, a bricolagem é um método formado pelo emaranhar de diversas fontes teóricas (Neira; Lippi, 2012), geralmente, interdisciplinares – como o proposto por mim aqui – com o propósito de discutir determinado tema/problema. Para tanto, na bricolagem, o pesquisador está livre para escolher como prosseguir com as abordagens, interpretações e coleta de dados. Os métodos, por assim dizer, são construídos (Neira; Lippi, 2012) durante a pesquisa na esperança de ter as lacunas conceituais preenchidas pelos diferentes referenciais usados. Normalmente (Rampazo; Ichikawa, 2009), o pesquisador que opta por este tipo de metodologia, não se preocupa em dar uma conclusão fechada à pesquisa. O intuito está em problematizar, discutir e abrir novos modos de interpretação para determinados fenômenos. Na visão de Sylvie Fortin:

Por bricolagem metodológica, o que Monik Bruneau chama de cenários metodológicos, eu entendo a integração dos elementos vindos dos horizontes múltiplos, o que está longe de ser um sincretismo efetuado simplesmente por comodidade. Os empréstimos são aqui pertinentemente integrados a uma finalidade particular que, muitas vezes, pelos pesquisadores em arte, toma a forma de uma análise reflexiva da prática de campo. (Fortin, 2009, p. 78)

No meu caso, além de bricolagem, parto ainda da metodologia imbricada apoiada no conceito de Pesquisa Baseada em Arte. Do inglês *Art-Based Research* (McNiff, 2008) é um método de pesquisa acadêmica desenvolvida para alicerçar os artistas-acadêmicos que buscam melhor compreender as próprias criações. Um conceito bastante similar ao de “pesquisa em artes” de Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014), pois ambos carregam na essência a relação indissociável entre pesquisa e produção artística. Investigar e analisar as obras de outros artistas seriam, assim, formas de interpretar o próprio trabalho (McNiff, 2008), uma vez que o pesquisador, sustentado pela *Art-Based Research*, tem como fim criar.

De maneira prática, a criação das histórias em quadrinhos (poética), produzidas para a tese, só foi possível tendo por trás o repertório teórico selecionado aliado às amarrações interpretativas

construídas por mim. Fortin e Gosselin (2014) chamam esse tipo de trabalho de tese-criação: “Quando estão envolvidos em uma tese-criação em artes, os alunos formulam a própria questão de pesquisa e a respondem através de um processo interativo entre exploração prática de sua *artform*, seu fazer artístico, e compreensão teórica do que está em questão em seu projeto específico” (Fortin; Gosselin, 2014, p. 7), exatamente como conduzi a tese.

Outros conceitos metodológicos que permeiam a pesquisa são o de etnografia e de autoetnografia. A etnografia se configura como uma metodologia de investigação típica da antropologia. Nela o pesquisador pretende vivenciar determinada realidade cultural para posteriormente analisar os dados coletados. No caso, o investigador parte do pressuposto de haver um olhar neutro, alheio a cultura vigente, para poder melhor interpretá-la. Não aprofundarei em conceitos ou possíveis críticas à abordagem etnográfica por fugir do propósito da tese. O importante é entender o tênue contraste que existe entre ambos os procedimentos.

A diferença básica, característica da autoetnografia, é o olhar voltado para o próprio pesquisador. Dessa forma, quem investiga determinado fenômeno está, de uma maneira ou de outra, envolvido com o campo e sabe disso. A perspectiva do pesquisador se mostra evidente no decorrer do texto pelo emprego da escrita em primeira pessoa. “A auto-etnografia (...) se caracteriza por uma escrita do 'eu' que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (Fortin, 2009, p. 83). Existem críticas quanto a um possível narcisismo teórico no emprego da autoetnografia, como salienta Fortin (2009). Particularmente, sigo uma instrução da autora para fugir dessa armadilha “lembrando que a história pessoal deve se tornar o trampolim para uma compreensão maior. O praticante pesquisador que se volta sobre ele mesmo não pode ficar lá (...) deve derivar em direção a outros (...) o elemento biográfico deve adquirir um estatuto de ordem teórica” (Fortin, 2009, p. 84).

Mesmo com os possíveis desvios dados pelo pesquisador ao escolher a autoetnografia, Fortin (2009) reforça a importância desse tipo de pesquisa. Para ela, este pode ser um caminho enriquecedor para se compreender melhor o fazer artístico – principalmente para pesquisas com base no prático (poética) e no teórico. De acordo com Mello,

Jean Lancri e Pierre Gosselin destacam pertinentemente que o trabalho de criação artística e o da pesquisa teórica têm uma ligação com processos cognitivos diferentes. O trabalho de criação artística fará intervir de maneira vantajosa os processos subjetivos experimentais enquanto que o trabalho de pesquisa solicitaria, de maneira vantajosa, os processos objetivos conceituais. (...) Para isso, é necessário admitir que a racionalidade como o imaginário, o conceitual como o sensível, a razão como o sonho (para citar dados de Jean Lancri) podem e devem ser objeto de uma preocupação concreta de informações. Os dados sobre estes diferentes processos podem ser recolhidos por meios, ao mesmo tempo, sensíveis e rigorosos. (Mello, 2009, p. 85)

O meio sensível mencionado pela autora se refere justamente ao vivenciado pelo pesquisador-artista durante o trabalho de campo. No meu caso, foi mediante aos rituais do Santo Daime e na clínica de psicoterapia, onde foram realizadas as sessões de Respiração Holotrópica. Foram nestes ambientes que a ampliação de consciência se deu. No contexto do Daime foi usada Ayahuasca, enquanto na clínica apenas a respiração. O uso ritual da Ayahuasca, no Brasil, é regulamentado pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas - CONAD nos termos da resolução nº 1 de 25 de janeiro de 2010. Já a Respiração Holotrópica é uma técnica de psicoterapia desenvolvida pelo Dr. Stanislav Grof durante as décadas de 1970 e 1980, tendo como uns dos principais estudiosos e terapeutas transpessoais do país, um casal residente em Goiânia, Álvaro e Dora Jardim. E os Sonhos Lúcidos tidos espontaneamente durante a pesquisa – apesar de terem sido feitas mentalizações e intenções para o sonho lúcido.

O objetivo de cada experiência foi extrair o que o chá/método pode proporcionar enquanto mergulho introspectivo e visual. Cada substância e/ou conjunto de alcaloides que compõem a Ayahuasca é capaz de propiciar reações únicas no indivíduo. Tão únicas e randômicas que é praticamente impossível prever com exatidão como se dará o efeito. Porém, existem algumas características padrões que podem, ou não, compor a experiência. Por exemplo, na Ayahuasca é frequente a visualização de formas geométricas, mandalas e cores vividas, além da introspecção autoanalítica e sensação de comunhão com o divino. Por sua vez, a Respiração Holotrópica é capaz de suscitar imagens do passado, além de trabalhar conflitos internos e traumas. Já os Sonhos Lúcidos é um tipo de ENOC espontâneo, com resultado similar aos psicodélicos, mas que ocorre durante o sono. A escolha de variedades entre as substâncias e/ou método, como a Holotrópica, se deu justamente para verificar as possíveis convergências de métodos de indução de Estados Não Ordinários de Consciência. Ou não, quem sabe um eventual distanciamento entre eles, em que cada substância e/ou método se mostre completamente distinto.

A proposta foi passar por quatro experiências com cada método de indução de ENOC. Ou seja, quatro experiências com Ayahuasca e mais quatro com a Respiração Holotrópica. Apesar de haver técnicas de indução de Sonhos Lúcidos, não foram usadas nenhuma delas, de modo que foi impossível determinar quantos destes sonhos teria ao longo da pesquisa. Houve uma abertura total para o que acontecesse ou surgisse durante o processo. Do vivenciado ali extrai, posteriormente, algo para a criação de uma história em quadrinhos. Em duas das experiências contei com a participação do artista, pesquisador Dr. Edgar Franco, também orientador da tese, visando a criação conjunta de quadrinhos durante as experiências e/ou posteriormente a elas, sendo uma Respiração Holotrópica e uma experiência com a Ayahuasca.

Dessa forma, previ a distribuição das experiências com ENOC da seguinte forma:

Substância/Método de ENOC	Duração efeito/ritual	Data	Local
Ayahuasca	De 3 a 8h	26 de jun. De 2016	Centro de Estudos e Práticas de Xamanismo Mamãe Ursa
Ayahuasca	De 3 a 8h	17 de jul. De 2016	Igreja Céu da Lua Cheia
Ayahuasca	De 3 a 8h	20 de agos. De 2016	Centro de Estudos e Práticas de Xamanismo Mamãe Ursa
Ayahuasca	De 3 a 8h	17 de set. De 2016 Participação de Edgar Franco.	Igreja Céu da Lua Cheia
R. Holotrópica	De 1 a 4h	04 de jun. De 2016	CEP – Centro de Educação e Psicoterapia
R. Holotrópica	De 1 a 4h	02 de jul. De 2016	CEP – Centro de Educação e Psicoterapia
R. Holotrópica	De 1 a 4h	07 de agosto. De 2016 Participação de Edgar Franco.	CEP – Centro de Educação e Psicoterapia
R. Holotrópica	De 1 a 4h	17 de set. de 2016	CEP – Centro de Educação e Psicoterapia

Tabela 1: Cronograma para experiências de ENOC como parte do processo criativo de quadrinhos visionários.

Ou seja, a partir da prática da autoetnografia a ideia foi vivenciar determinada realidade – ritual xamânico³ – e dela extrair a vivência a ser empregada na criação artística. Tais vivências podem ser entendidas como as imagens surgidas nos transes durante os rituais. Lewis-Williams (2005), ao abordar a função dos xamãs na pré-história, diz que estes, na verdade, seriam “buscadores de imagens”. Para o antropólogo, os xamãs adentrariam as entranhas da terra ao penetrarem centenas de metros no interior das cavernas com o intuito de “buscarem imagens”, que seriam então retidas nas paredes de pedra em forma de pintura. Algo semelhante ao proposto por mim, ao me inserir no contexto dos rituais xamânicos (realizados em meio urbano) ou por meio da Respiração Holotrópica ou sonho lúcido. O intento da investigação é retomar este aspecto primitivo na criação imagética ao me tornar também um “buscador de imagens”. Porém, utilizando-as para a criação de histórias em quadrinhos.

Outro aspecto fundamental para a metodologia da pesquisa são os rituais. Uma vez que os processos criativos podem ser encarados como uma espécie de ritual (Kneller, 1978) e o xamanismo em si é um ritual, assim, torna-se relevante entender o quão importante este momento pode ser para a criação. Para tanto, foram usados como paralelo alguns rituais indígenas tradicionais (contemporâneos, como os Tukano e Huni Kuin), que tenham em seu bojo o uso de plantas de poder, para a partir deles buscar compreender os possíveis sentidos das imagens por eles extraídas dos ENOC. Os rituais para a tese, originalmente, deveriam ter ocorrido dentro de uma igreja do Santo Daime, mas devido a tempo, verba e distância, acabei por participar em centros de estudos xamânicos – vinculados à Igreja do Santo Daime. Em algumas destas cerimônias, contei com a presença do orientador prof. Dr. Edgar Franco. Feitos os registros das experiências dei início à produção das histórias em quadrinhos e construção da tese.

Para a experiência com Ayahuasca, há ainda o ponto fundamental: a dosagem a ser ingerida. Tradicionalmente, o uso da bebida durante os rituais é livre. Cada participante pode tomar quantos copos (100 ml) desejar e sentir necessidade (espiritual) para tanto. Comumente tenho tomado entre três e quatro copos, dentro de cada ritual que participo. Para a pesquisa deixei especificado de um a três copos por ritual. No entanto, não havia muito como saber se iria mesmo ingerir as doses programadas, uma vez que cada experiência é diferente da outra. Depende muito do momento do ritual, desde a dieta a ser feita antes, ao estado mental do indivíduo. Pode que, com apenas um copo, eu tenha uma experiência muito mais profunda e forte do que com três copos. E isso não quer, necessariamente, dizer que foi usada uma quantidade maior de ingredientes na receita de um feitiço ou de outro. Com relação à quantidade de ingredientes, é complicado indicar com exatidão as proporções usadas em cada chá de cada ritual. Geralmente são feitos milhares de litros de Ayahuasca por feitiço, o que demanda quilos e quilos de folhas e cipós. O que daria para fazer é ter uma ideia aproximada da quantidade de ingredientes e tempo de fervura de cada preparo – uma vez que são comuns aos membros das igrejas prepararem o próprio chá. Tais informações seriam coletadas *in loco* antes do início do ritual – mas acabou que não tive acesso as informações, devido a atrasos e outros problemas de força maior que impossibilitaram uma conversa detalhada com os responsáveis pelas cerimônias.

Todas as experiências foram realizadas em locais apropriados. A Ayahuasca foi experienciada dentro de um centro de espiritualista ligado à Igreja Santo Daime Céu da Lua Cheia, em Itaberaí da Serra (SP). O local é chácara, próximo ao ambiente urbano e conduzido por pessoas capacitadas e responsáveis quanto aos riscos ou/não da Ayahuasca – sendo ainda necessário o preenchimento de uma ficha de anamnese para todos que participarão do ritual. A Respiração Holotrópica foi conduzida na clínica do Centro de Educação e Psicoterapia, na região central de Goiânia, por Álvaro Jardim e Dora Jardim, ambos psicólogos especializados em Respiração Holotrópica, treinados pelo próprio Stanislav Grof – o criador da técnica.

3 Dentro do contexto abordado anteriormente: em rituais realizados em meio urbano.

No caso, especificamente, com relação às participações das cerimônias e das sessões de respiração, os participantes da pesquisa basicamente são: eu (Matheus Moura Silva) e o orientador da pesquisa, prof^o Dr. Edgar Franco. Por outro lado, há outros artistas convidados, como mencionado antes, que fizeram os desenhos das histórias desenvolvidas. Alguns desenhistas foram escolhidos por terem afinidade com os ENOC e outros justamente pelo contrário, por nunca terem usado nenhum psicodélico. Com estes autores foram feitas apenas entrevistas com perguntas genéricas como: 1) sua percepção quanto a criar uma HQ baseada em uma experiência de ENOC? 2) Há, realmente, uma diferença específica no teor de uma história baseada em ENOC de outra que não? 3) Como procurou solucionar problemas de tradução do visto/escrito para o desenhado? 4) Acredita que conseguiu reproduzir com fidelidade a experiência de ENOC em quadrinhos? 5) Qual foi o maior desafio em executar a proposta de criar algo derivado de ENOC? Todas as questões estão inclusas no Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os artistas também estiveram livres para não serem identificados na pesquisa, porém, previamente adiantaram ter interesse em participar da pesquisa como autores. O Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pelos desenhistas assim que as histórias foram escritas e entregues para eles. Eu, particularmente, atuei como roteirista, deixando a cargo dos desenhistas a parte de ilustração. Este é até um dos desafios da pesquisa: como descrever a experiência psicodélica para o desenhista da maneira mais precisa o possível, para que ele ilustre justamente o que vi/relatei?

Como benefício da pesquisa, há a contribuição para o entendimento dos processos criativos envolvidos na criação de Arte Visionária, especialmente no que diz respeito aos quadrinhos. Contribuir para a construção de uma cartografia do inconsciente, expresso por meio de narrativas visuais – histórias em quadrinhos –, além de ajudar a desmistificar os mistérios que envolvem a ampliação da consciência, seja por substâncias psicodélicas, como as encontradas na Ayahuasca, ou de modo natural, como na técnica de Respiração Holotrófica. Propicia ainda novas interpretações para pesquisas vindouras que tenham como bases investigações relacionadas aos Estados Não Ordinários de Consciência, criatividade, HQs e arte.

Descrição dos capítulos

Antes de começar a descrição em si dos capítulos, é necessário explicar a nomeação dada à introdução, aos capítulos e à conclusão. Para a introdução escolhi usar o termo inglês *Set and Setting*, criado por Timothy Leary (Hardtogsohn, 2013) entre as décadas de 1950 e 1960. A expressão foi muito usada durante tal período principalmente com relação às pesquisas psiquiátricas a envolver LSD (Hardtogsohn, 2013). Popularmente o termo foi difundido no livro *The Psychedelic Experience: A Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*, de Timothy Leary, Ralph Metzner e Richard Alpert, publicado em 1964 nos Estados Unidos. *Set* é a contração do inglês de *mindset*, o qual não possui um significado específico em português, mas pode ser interpretado como um tipo de repertório mental. O *Setting*, por sua vez está relacionado com o ambiente onde será realizada a experiência psicodélica. Ou seja, *set and setting* é a preparação que se deve ter para uma boa jornada psicodélica. Enquanto *set* o indivíduo deve procurar ver, ouvir, interagir e pensar em coisas positivas e que lhe agradem nos dias antecedentes às experiências com ENOC. No *setting* a preocupação é com o ambiente, onde se estará durante os estados ampliados de consciência. Deve ser um local seguro, confortável, agradável, com pessoas de confiança e veteranas. Dessa forma, a introdução deste texto se configura como um *set and setting* por ser uma preparação do leitor para descrição dos capítulos (e à tese em geral).

Para os capítulos pego emprestado o conceito do antropólogo David Lewis-Williams (2005) que divide os ENOC em três estágios. Cada estágio se refere a um determinado momento do percurso da mente rumo ao estado não ordinário. No decorrer da tese o conceito é mais bem explicado, mas para compreensão agora o interessante é: no Estágio I, Lewis-Williams (2005) identifica haver a profusão

de imagens entópticas⁴; seguidas pelo Estágio II, em que há uma busca maior por interpretar as imagens que surgem do inconsciente; já no Estágio III é a “alucinação” em si, ou seja, o ápice da experiência com ENOC se dá no estágio três.

A tese se desenrola de maneira similar. No *Estágio I: rumo à “trajetória intensificada”* (capítulo 1), retomo alguns conceitos trabalhados na dissertação (Silva, 2013), principalmente sobre processos criativos – são as primeiras bases teóricas a me direcionarem para a tese. A partir deles parto para algumas referências/fontes não usadas na dissertação e que ampliam e complementam minha interpretação sobre o fenômeno criatividade. Busco delinear tipos de “etapas mentais” do processo criativo, alicerçado por pesquisadores como May (1982), Ostrower (1977), Novaes (1972) e Kneller (1978). Em seguida discuto os “critérios da criatividade e os processos criativos”, por meio dos conceitos, principalmente, desenvolvidos por Gloto e Clero (1971). A premissa para o início do Estágio I é expor minha compreensão dos processos criativos e demonstrar como a base da criatividade pode estar em como o indivíduo organiza sua energia psíquica.

Na segunda parte do Estágio I procuro entrelaçar os conceitos de Lewis-Williams (2005) sobre a origem da imagem, influenciada por ENOC, com a criatividade. Para tanto, descrevo a teoria do antropólogo e relaciono-a com as posições de Ostrower (1977) e outros pensadores/artistas, bem como aproximando e separando a ideia de arte rupestre e história em quadrinhos. Ao final do tópico avanço na teoria de Lewis-Williams (2005) ao incluir o pensamento, por vezes divergentes, de outros antropólogos e pesquisadores da relação entre ENOC e arte. Cito ainda exemplos da relação da arte de alguns povos indígenas com os ENOC. No terceiro tópico do capítulo, *Tecnologia arcaica: ENOC como interface tecnológica*, abordo a relação entre estados não ordinário de consciência e tecnologia. A intenção é aproximar o uso de ampliadores de consciência com pontos de vista da arte tecnologia, principalmente da arte virtual. Este tópico se justifica por dar lastro à criação de uma máscara indutora de ENOC criada por mim para a disciplina de Arte Tecnologia, ministrada pelo prof. Dr. Edgar Franco no PPGACV, a qual seria uma das formas de se alcançar ENOC para a tese, mas posteriormente descartada devido às novas implicações éticas.

Na última parte do Estágio I, intitulada de *Indutores de ENOC: Ayahuasca e Respiração Holotrópica*, viso conceituar ambos os procedimentos adotados por mim para chegar aos ENOC. Primeiro discorro sobre a Ayahuasca, localizando as principais pesquisas a respeito no Brasil. São discutidos ainda a farmacologia, efeitos e visões causadas pela bebida chamada de Santo Daime. Na Respiração Holotrópica, a premissa é a mesma: falar do surgimento da técnica, dos criadores, a relação com o xamanismo, o trabalho de construção das mandalas após as sessões de respiração e o desenvolvimento da técnica no Brasil.

No *Estágio II: estratos dos processos criativos e ENOC*, o qual seria o segundo capítulo, a proposta é focar nas histórias em quadrinhos que se relacionem com a Arte Visionária. Para tanto, parto, inicialmente, em localizar quais são os quadrinhos visionários, com base nos critérios desenvolvidos por Laurence Caruana (2001). Em seguida divido o capítulo em dois grandes tópicos: um sobre os autores estrangeiros Moebius, Jim Woodring e Rick Veitch. Na análise de cada autor são feitas aproximações ou distanciamentos do conceito de Arte Visionária, além de descrições de obras e processos criativos usados por eles. No segundo tópico falo dos autores brasileiros Sergio Macedo e Xalberto.

Para iniciar o *Estágio III: em busca das visões*, retomo a discussão sobre criatividade, mas com base nas pesquisas que relacionam criatividade com ENOC. Faço um levantamento bibliográfico abordando os principais pesquisadores do tema como Oscar Jeninger e Marlene Dobkin de Rios (2003); Ede Frecska, Csaba Mór, András Vargha e Luis Eduardo Luna (2012); Frank Echernhofer

4 Exemplos de imagens entópticas são zigzagues, pontos, linhas e espirais. Tais imagens são tidas como biológicas a refletirem a estrutura nervosa do olho, sendo possível vê-las de olhos fechados.

(2012); Matthew Baggott (2015); Harold McWhinnie (1970); Stanley Krippner (2012); Jos Ten Berge (1999); John Curtis Gowan (1975); Irving Taylor e Benjamin Gantz (1969); Ben Sessa (2008); Leonard Zegans, John Polland e Douglas Brown (1967), além do especial da MAPS (Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies) sobre psicodélicos e criatividade publicado em 2000. Todos eles abordam, cada qual a sua maneira, pesquisas sobre criatividade e psicodélicos. Alguns tratam especificamente de criatividade e LSD, outros de Ayahuasca ou Mescalina, porém, por todos eles serem indutores de ENOC, não vejo como desassociar um do outro numa pesquisa sobre criatividade. Foi interessante até para traçar alguns paralelos e/ou diferenças com o observado e sentido por mim.

Ainda no Estágio III fiz as descrições-análises dos processos criativos da tese. É nele que discorro sobre os quadrinhos produzidos para a pesquisa com base no visto e sentido durante o uso da Ayahuasca da Respiração Holotrópica e nos sonhos lúcidos. Ao todo foram dezesseis histórias, cada uma a variar entre uma a doze páginas. Neste capítulo faço um retrospecto da minha criação visionária fora do âmbito da pesquisa, até mesmo para efeito comparativo quanto a criação antes e depois dos estudos sobre ENOC.

Ao final da tese, para as considerações dei a nomeação de *O pouso da águia – ou, considerações sobre o voo*. A expressão, pouso da águia, ouvi pela primeira vez ao término de uma cerimônia xamânica que havia durado toda a madrugada. Ao início dos primeiros raios de Sol, Leo Artese, o condutor do ritual, acompanhado de Fany Carolina, anuncia o pouso da águia como uma espécie de retomada à consciência ordinária. A meu ver, as considerações apresentadas na tese são justamente isso: o retorno à reflexão, ao racional, às amarrações teóricas e lições aprendidas durante o longo percurso de construção da pesquisa.

Considerações finais

O resultado poético (prático) desta pesquisa de doutorado desenvolvida por mim entre 2014 e 2018, no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – FAV/UFG, sob orientação do prof. Dr. Edgar Franco contou com 16 histórias em quadrinhos. Todas elas publicadas tanto no corpo da tese quanto em um livro intitulado *Cartografias do Inconsciente*. O foco esteve em compreender os processos criativos motivados por Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC, especialmente com relação à Ayahuasca, Respiração Holotrópica e Sonhos Lúcidos. Ou seja, todas as histórias lidas neste volume são derivadas de um destes indutores de ENOC. São verdadeiras *cartografias do inconsciente*. Mapeiam o mundo invisível da mente em estado ampliado, trazendo ao leitor um vislumbre da verdadeira experiência por meio da arte. Aqui, em especial, com HQs.

Quadrinhos que podem ser entendidos como pertencentes ao movimento de Arte Visionária. O autor do *Primeiro Manifesto da Arte Visionária*, Laurence Caruana (2013), aponta alguns quadrinistas como exemplos de artistas visionários, apesar de não se aprofundar – na tese analiso o trabalho de alguns deles como Moebius, Jim Woodring, Rick Veitch, Xalberto e Sergio Macedo. Artistas que se dedicam à arte visionária buscando retratar imagens obtidas por ENOC, as quais geralmente possuem um arcabouço específico de sentido imagens – com significados particulares vinculados às experiências. Dado esse bastante perceptível nas histórias narradas. Algumas até mesmo têm como protagonistas personagens com meus traços físicos.

No entanto, somente eu usei ayahuasca e respiração holotrópica para a produção das HQs – com exceção do orientador, Edgar Franco, que participou de algumas sessões. Os outros autores foram convidados a participarem como colaboradores da pesquisa e não figuram como investigados. Três principais razões me motivaram para essa decisão: primeiro, nem todos eles se interessam por ENOC; segundo questões ético/legais atrasariam a pesquisa; e, terceiro, o conteúdo expresso nas HQs é íntimo. Não me senti a vontade de expor os autores para uma pesquisa acadêmica particular. Sendo

as histórias compostas apenas por minhas visões/sensações (e algumas do orientador) respondo somente aos envolvidos diretamente quanto ao teor das narrativas/visões.

Todas as histórias fazem parte da pesquisa. *Vacilo Onírico*, *Não Existe Nada Melhor* e *Escolha* são derivadas de sonhos lúcidos. *Dia da Caça* é resultado de visões hipnagógicas, enquanto *Muscaria* é um sonho comum. *Serpentear*, *Primordial*, *AyahuayA*, *Nas Trevas...*, *Presença*, *Sintonia*, o *HQforismo* e *Nuasca*, são visões/sensações proporcionadas pela ayahuasca. *Renascer*, *Lar* e *Holocura*, são experiências com Respiração Holotrópica. *Renascer*, em especial, é uma mistura. Nela há o relato tanto da interação com Ayahuasca quanto com Holotrópica.

O intuito geral da pesquisa foi, por meio de ENOC, buscar imagens no reino do inconsciente para desenvolver narrativas. Ou mesmo replicar o mais fiel possível as experiências vistas/sentidas. A ideia de me tornar um “buscador de imagens”. Saí em busca da mesma matéria-prima, mas em vez de registrar as visões em paredes de cavernas de modo aparentemente aleatório, produzi quadrinhos e refleti a respeito.

O convite aos autores partiu por conhecê-los há um tempo e já ter trabalhado com eles de alguma forma no passado. Alguns, como é o caso de Laudo, Posteraro e Franco, são também psiconautas, acostumados aos Estados Não Ordinários de Consciência. O que confere um modo particular de compreenderem a proposta da pesquisa. Outros, como Guilherme Silveira, Angelo Ron e Décio Ramirez, não possuem nenhuma ligação com enteógenos ou ENOC e atuaram como uma espécie de “grupo de controle”. Ao contrário dos autores psiconautas, foi interessante perceber como se desenvolveram as histórias por meio do olhar de quem nunca vivenciou um ENOC. No fim não houve tanta diferença prática na realização das HQs. Muito, acredito, foi devido as várias conversas entre eles e eu e por enviar roteiros detalhados e já rafiados.

Enquanto processo criativos impulsionados por ENOC, observo que (diferente do senso comum) não houve uma melhora na criatividade em si – como já descrito por outros pesquisadores (Krippner, 1985; Baggott, 2015). Ao menos eu, e observando as obras do orientador, não percebi nenhum acréscimo criativo nos trabalhos. O que mudou foram as temáticas. Os conteúdos expressos nas HQs dialogam com o macrouniverso a qual estão relacionadas às técnicas de ENOC. A Ayahuasca, por exemplo, trouxe muitas visões de répteis (cobras, lagartos), um dos principais animais vistos durante as mirações, além de sensações inefáveis. A Respiração Holotrópica resultou em experiências mais familiares e não tão globais quanto as proporcionadas pela Ayahuasca ou sonhos lúcidos. As três variedades de ENOC, analiso, possuem em comum a melhora gradual na percepção de si no mundo e com relação aos outros. As histórias, as imagens, têm mais ligação com os processos internos do que simplesmente com imagens.

A busca por imagens, aos moldes nos quais realizei, só passa a ter sentido se o processo todo envolver o indivíduo. A pura caça por imagens, no decorrer do processo, se torna uma falácia. Percebi isso por ter iniciado a pesquisa com o intuito de criar um distanciamento entre eu e as visões. No decorrer das sessões de Ayahuasca e Holotrópica percebi ser virtualmente impossível. Tanto a Ayahuasca quanto a Respiração Holotrópica, misturam sensações e visões de uma maneira quase indissociável. Expressar as imagens e não transparecer, o mínimo que for, as sensações presentes no momento da visão, torna o trabalho carente de significado. Não para o leitor, mas acredito que sim para quem vivenciou os ENOC. No meu caso em particular, quase todas as HQs acabaram por substituir a visão original quando busco lembrá-las. Acredito que isso só aconteceu devido às sensações contidas nas HQs. Este acabou sendo um ponto em comum com os quadrinhos do gênero poético-filosófico.

No início da pesquisa, acreditei haver uma distinção nítida entre o que viria a ser quadrinhos poético-filosóficos e os quadrinhos visionários. Até pode haver alguma diferença, como de fato demonstro com os trabalhos ilustrados por Laudo, Angelo Ron e Décio Ramirez, os quais seguem um padrão tradicional da linguagem das HQs. No entanto, os roteiros desenhados por quem bebe da fonte dos

quadrinhos poético-filosóficos, acaba por seguir essa tendência, como por exemplo, os trabalhos assinados por Franco, Silveira e Posteraro.

Paradoxalmente, mesmo o âmago dos quadrinhos dizerem mais do inconsciente de quem vivenciou as experiências de ENOC, também trata de maneira universal a psiquê humana. O transpessoal, como aponta Grof (1997), é a interpretação do mundo em sua totalidade, como sendo parte integral dele e do universo de modo indissociável além do tempo e espaço. É uma nova maneira de se colocar e compreender o mundo. Geralmente proporcionada pelos Estados Não Ordinários de Consciência. O arcabouço imagético conceitual inerente ao âmbito transpessoal assemelha-se ao que se entende por *inconsciente coletivo*, tendo como principal avanço teórico a inclusão de percepções além da compreensão da matéria. Algo similar está presente em escritos místicos e espiritualistas de tradições orientais ao abordarem a mente e a consciência. De acordo com Grof (1997), a perspectiva transpessoal abre, pela primeira vez, a interseção entre conhecimento antigo e ciência moderna no que diz respeito ao entendimento da consciência.

Ao trazer à tona, em formato de quadrinhos, parte do meu percurso ao inconsciente, traço uma cartografia. Passo a discutir minha relação com o ambiente em que estava inserido durante os ENOC e com o ambiente mental. Em algumas histórias, como em *AyauhuayA*, fica clara a ambivalência. Apesar de haver um arcabouço prévio de imagens proporcionadas pela Ayahuasca (Shanon, 2002), surge o que parecem ser cenas/imagens particulares do meu imaginário pessoal. Algo recorrente, como Rick Veitch descreve. O visto e revisto reforçam a ideia de um mapa mental traçado pelas visões representadas em quadrinhos.

Pode ser o resultado do *set and setting*. O estado mental tranquilo, leve e feliz propicia boas experiências se combinado com um ambiente confortável e seguro. Até o estado físico interfere no visto e sentido – como observado nos experimentos discutidos no Estágio III. Exemplos são as histórias derivadas de Ayahuasca: *Serpentejar*, *Primordial*, *AyauhuayA* e *Presença*. Em todas elas as visões foram determinadas pelo ambiente em que foram realizadas as cerimônias. Todas as sessões com o chá se deram em locais rurais, com bastante verde, silêncio e fogueira. Como resultado, tive mais visões ligadas à natureza, animais selvagens ou fenômenos naturais, como o fogo.

A criatividade, como aponta May (1982) necessita de um ambiente e estados mentais adequados para o “encontro” com a ideia – resultado do trabalho inconsciente para a resolução de um problema prévio. No início do Estágio I, levanto duas questões norteadoras para a pesquisa, com vista em respondê-las ao final da investigação. São elas: a) poderia o artista visionário passar pelo momento do “encontro” duas vezes no processo criativo? b) Existiria uma distinção entre o encontro tido durante o ENOC e o do estado ordinário de consciência? Na pretensão de apontar um caminho e não determinar a direção, acredito que o “encontro” tido durante o ENOC é diferente do “encontro” criativo. O “encontro”, na maneira como May (1982) explica, é arrebatador, levando a sensações físicas e mentais específicas do momento criativo. Da mesma maneira ocorre com os ENOC. Em outras palavras, creio ocorrer dois “encontros” criativos ao se trabalhar com ENOC, porém são “encontros” distintos e complementares. Não há um melhor ou pior.

A meu ver o “encontro” durante o ENOC, mais do que a solução para algo, é a identificação de que determinada visão e/ou sensação é passível de ser transformada em arte – algo similar a “intuição” descrita por Ostrower (1977). Não há uma questão norteadora para a criatividade, somente a espontaneidade das visões de ENOC. Elas acontecem sem nenhum controle ou motivação racional. Ao contrário da criatividade que é exercitada cotidianamente pelo artista e há previamente um problema a ser resolvido. Por outro lado, não adianta ter a visão sem ao menos existir o ímpeto criador, como frisa May (1982).

Shanon (2010) acredita que a força motivadora de visões e a perspectiva espiritual da Ayahuasca está ligada à mesma fonte criativa presente em todas as pessoas. Para o pesquisador, a Ayahuasca não possui nada de paranormal ou místico, grande parte do efeito dela seria gerado pelos mesmos

processos mentais da criatividade, mas agindo de modo diferenciado e ampliado (Shanon, 2010). O ponto de vista de Lewis-Williams (2005), ao creditar aos ENOC a origem das imagens, faz sentido com o exposto por Shanon (2010). Ou seja, durante os ENOC derivados de processos xamânicos (naturais ou não) os indivíduos passariam a ser influenciados por processos criativos – são estímulos ideais para visualização imagética e criação. Mesmo os ENOC em si não melhorando de fato a criatividade, em um indivíduo previamente criativo, eles podem agir como motivador.

A criatividade, enquanto força motriz individual, a meu ver não é melhorada devido aos ENOC, mas pode ser mais bem aproveitada se utilizado material colhido lá. A riqueza das experiências e novas perspectivas proporcionadas pelos ENOC, como abordado no decorrer da tese, encanta a espécie humana desde eras remotas. Ao contrário da arte comum, realizada a partir da idealização pura e simples, os ENOC mostram aquilo que de olhos abertos não existe e não pode ser imaginado, apenas contemplado.

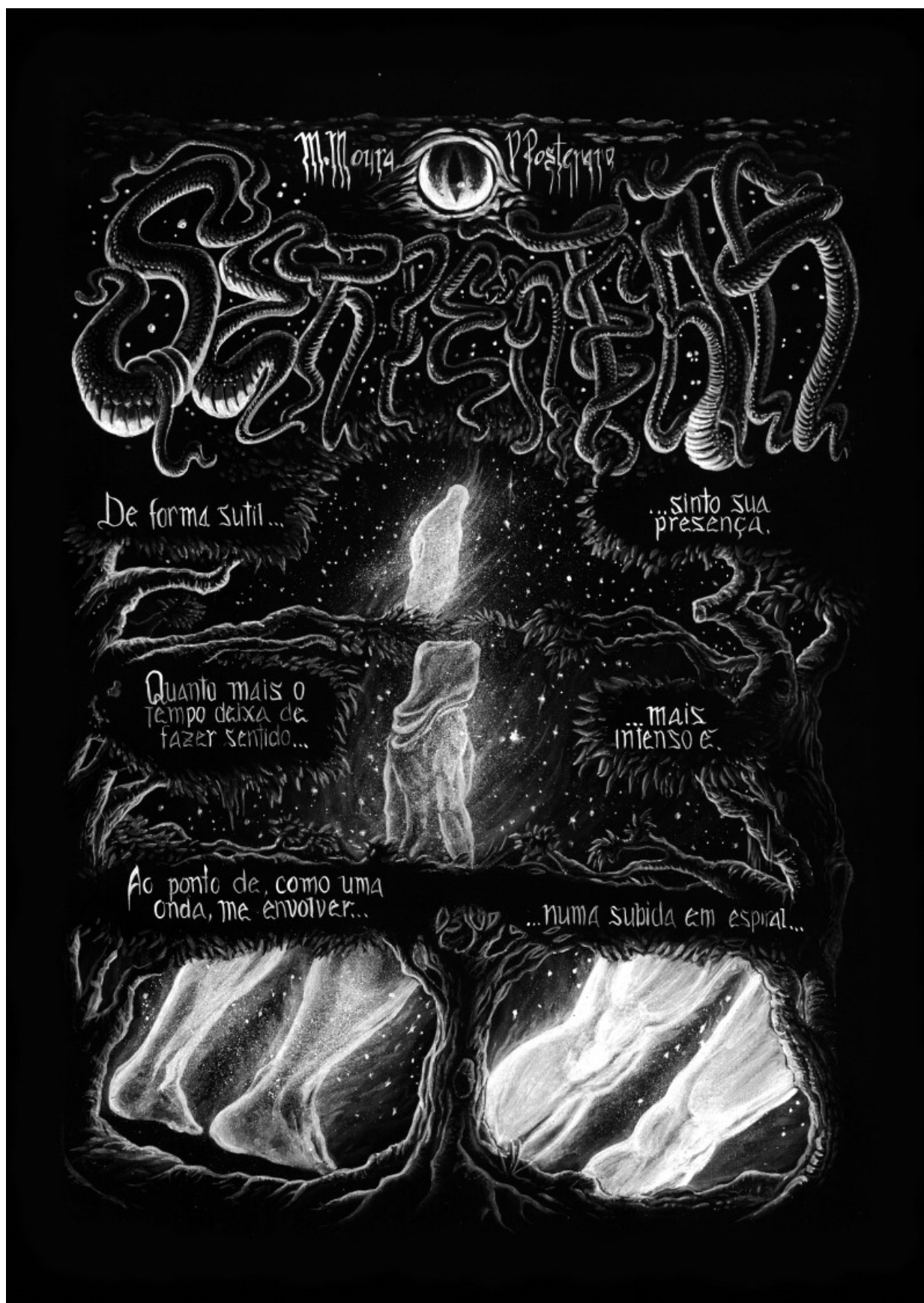


Figura 1: Versão inédita em preto e branco da história *Serpentear*, escrita por Matheus Moura com desenhos de Vinicius Posteraro. Fonte: do Autor

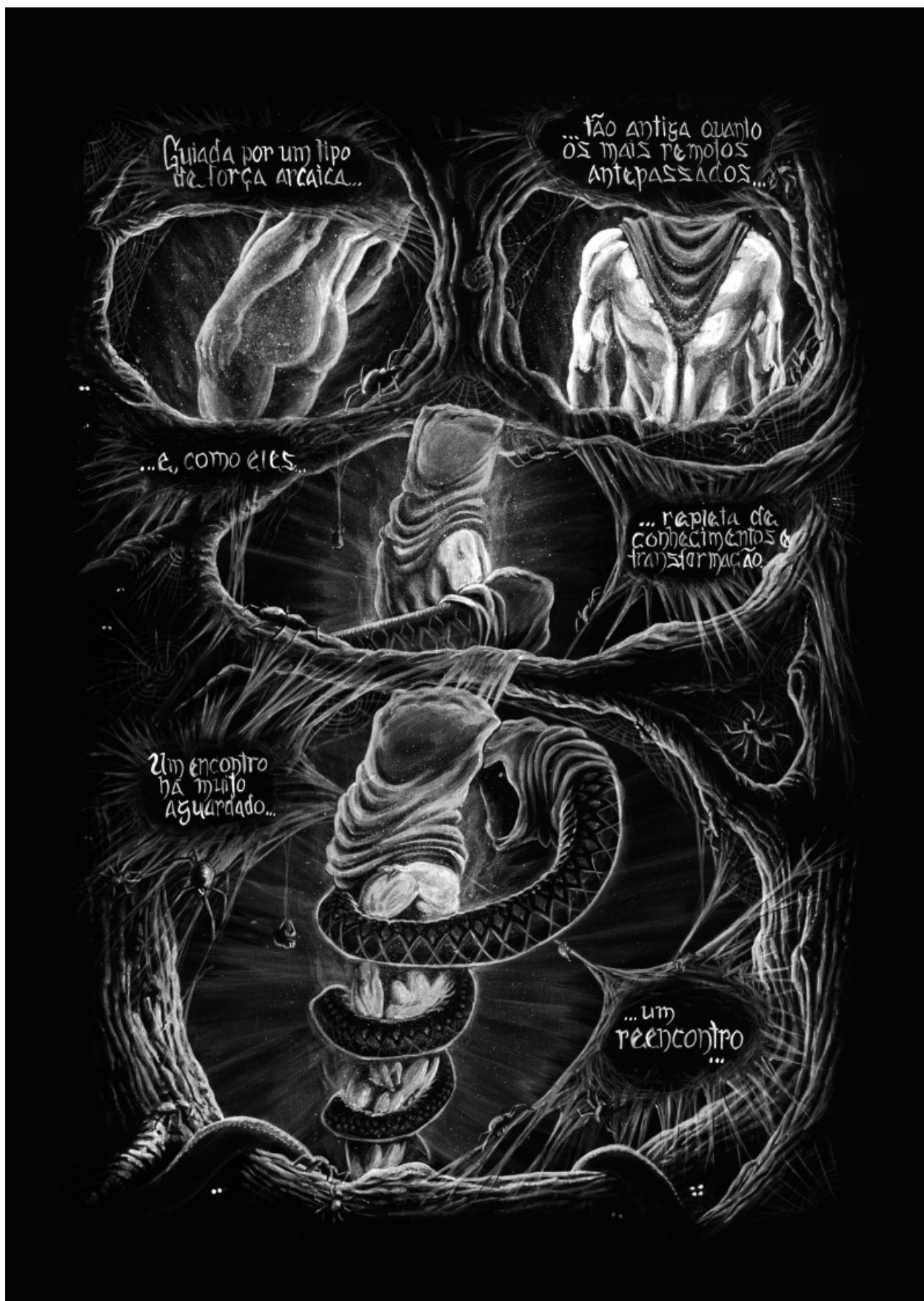


Figura 2: Versão inédita em preto e branco da história *Serpenteare*, escrita por Matheus Moura com desenhos de Vinicius Posteraro. Fonte: do Autor



Figura 3: Versão inédita em preto e branco da história *Serpentear*, escrita por Matheus Moura com desenhos de Vinicius Posteraro. Fonte: do Autor

Bibliografia

- Baggott, M. J. *Psychedelics and creativity: a review of the quantitative literature*. PeerJ PrePrints 3:e1202. V1, 2015.
- Berge, J. T. *Breakdown or breakthrough? A history os European research into drugs and creativity*. Journal of Creative Behavior. vol. 33, n. 4, p. 257-276, 1999.
- Caruana, L. *O primeiro Manifesto da Arte Visionária*. Curitiba: Ordem Rosacruz, 2013.
- Dobkin De Rios, M. *LSD, spirituality and creative process*. Vermont: Park Street Press, 2003.
- Echenhofer, F. *The Creative Cycle Processes Model of Spontaneous Imagery Narratives Applied to the Ayahuasca Shamanic Journey*. Anthropology of Consciousness, Vol. 23, Issue 1, pp. 60–86, 2012.
- Fortin, S. *Contribuições Possíveis Da Etnografia E A Da Auto-Etnografia Para A Pesquisa Na Prática Artística*. Tradução de Helena Mello. Revista CENA, Programa de Pós-graduação em Artes Cênica, v. 7, n. 1, p. 77-88, 2009.
- Frecka , E.; Móre, C.; Vargha, A.; Luna, L. *Enhancement of Creative Expression and Entoptic Phenomena as After-Effects of Repeated Ayahuasca Ceremonies*. Journal of Psychoactive Drugs, UK, vol. 44 , n. 3, 2012.
- Fortin, S.; Gosselin, P. *Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico*. Art Research Journal-ARJ. Brasil, vol. 1, n.1, p.1-17, 2014.
- Gloton, R.; Clero, C. *La creatividad em el niño*. Madrid: Narcea S. A. De ediciones, 1971.
- Gowan, J. C. *Trance, art and creativity. The journal of creative behavior*, v. 9, n.1, p. 1-11, 1975.
- Grof, S. *A aventura da autodescoberta*. São Paulo: Summus, 1997.
- Hardtogsohn, I. *The American Trip: Set, Setting, and Psychedelics in 20th Century Psychology*. MAPS Special Edition: Psychedelics in Psychology and Psychiatry. v.23, n. 1, p. 6-9, 2013.
- Kneller, G. F. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRASA, 1978.
- Krippner, S. *Psychedelic drugs and creativity*. Journal of Psychoactive Drugs. Journal of Psychoactive Drugs, UK, v. 17, n. 4, 1985.
- Leary, T.; Metzner, R.; Alpert, R. *The Psychedelic Experience*. New York: Kensington Pub Corp, 1995.
- Lewis-Williams, J. D. *La mente en la caverna: la consciencia e las orígenes del arte*. Madrid: Akal Editor, 2005.
- May, R. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- McNiff, Shaun. *Art-Based Research*. In: KNWOLES, J. Gary. *Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.
- McWhinnie, H. J. *Chemical Agents for Behavior Change: Creative, Psychotic and Ecstatic States — Some Implications for Drug Education*. British Journal of Addiction to Alcohol & Other Drugs, v.65, n. 1, p. 123–137, 1970.
- Mello, H. M. *Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística*. Cena. n.7, 78-88 2009.
- Morin, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- Multidisciplinary Association For Psychedelic Studies (MAPS): *Psychedelics & Creativity*. Sarasota: MAPS, v. 10, n. 3, 2000.

- Neira, M.; LIPPI, B. *Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.37, n 2, p. 607-625, maio/ago, 2012.
- Novaes, M. H. *Psicologia da Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- Ostrower, F. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.
- Rampazo, A. V., Ichikawa E. Y. *Bricolage: a busca pela compreensão de novas perspectivas em pesquisa social*. IN: Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e contabilidade; 2009 Nov 15- 29; Curitiba, Brasil. Curitiba: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração/ANPAD; 2009, p. 1-12
- Sessa, B. *Is it time to revisit the role of psychedelics drugs in enhancing human creativity?* Journal of Psychopharmacology, v. 22, n.8, p. 821-827, 2008.
- Silva, M. M. *Processos criativos de histórias em quadrinhos poético-filosóficas: investigação teórica e produção poética*. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- _____. *Cartografias do inconsciente em quadrinhos: ayahuasca, respiração holotrópica e sonhos lúcidos como processos criativos*. 2018. 483 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- Shanon, B. *The Antipodes of the Mind: Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- _____. *The epistemics of Ayahuasca visions*. Phenom Cogn Sci, 9, 263–280, 2010.
- Taylor, I.; Gantz, B. *A transactional approach to creativity and its implications for education*. Value dilemmas in the assessment and development of creative leaders, 1969. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED043898.pdf>>
- Zegans, L.; Polland, J.; Brown, D. *The effects of LSD-25 on creativity and tolerance to regression*. Arch Gen Psychiat. v.16, n.6, p. 740-749, 1967.